

Mastro hoje custaria mais caro que o Panteão

Polêmica marcou construção na época pois a Bandeira não poderia ficar abaixo do Congresso

MARTA CRISÓSTOMO
Da Editoria de Cidade



povo acima da pátria para mim é anarquismo. Acima de tudo a pátria, o povo é que tem que se sacrificar por ela — afirmou o ex-governador.

Ao constatar o fato Hélio Prates decidiu consultar o então tenente-coronel Rubens Ludwig, da Casa Militar, que havia sido o mentor da idéia de se construir o mastro, sobre a possibilidade de fazê-lo mais alto do que o Congresso, com 101 metros. A proposta foi aprovada sem contestação, afirmou o ex-governador.

Então Hélio Prates convidou Sérgio Bernardes — a quem considera um arquiteto fantástico — “que sabe unir a técnica e a arte”, para executar o projeto. Devido a força do vento na Esplanada, a base do monumento pesa 120 toneladas.

Hélio Prates da Silveira está convencido de que o mastro vai permanecer onde se encontra, “porque a retirada e reinstalação vão sair muito caros, o solo de Brasília é muito arenoso”. Para ele, a idéia de retirar o mastro é um recurso que está sendo usado “por influência desta gente mesma” para fazer com que o Pavilhão Nacional fique mais baixo que o Congresso.

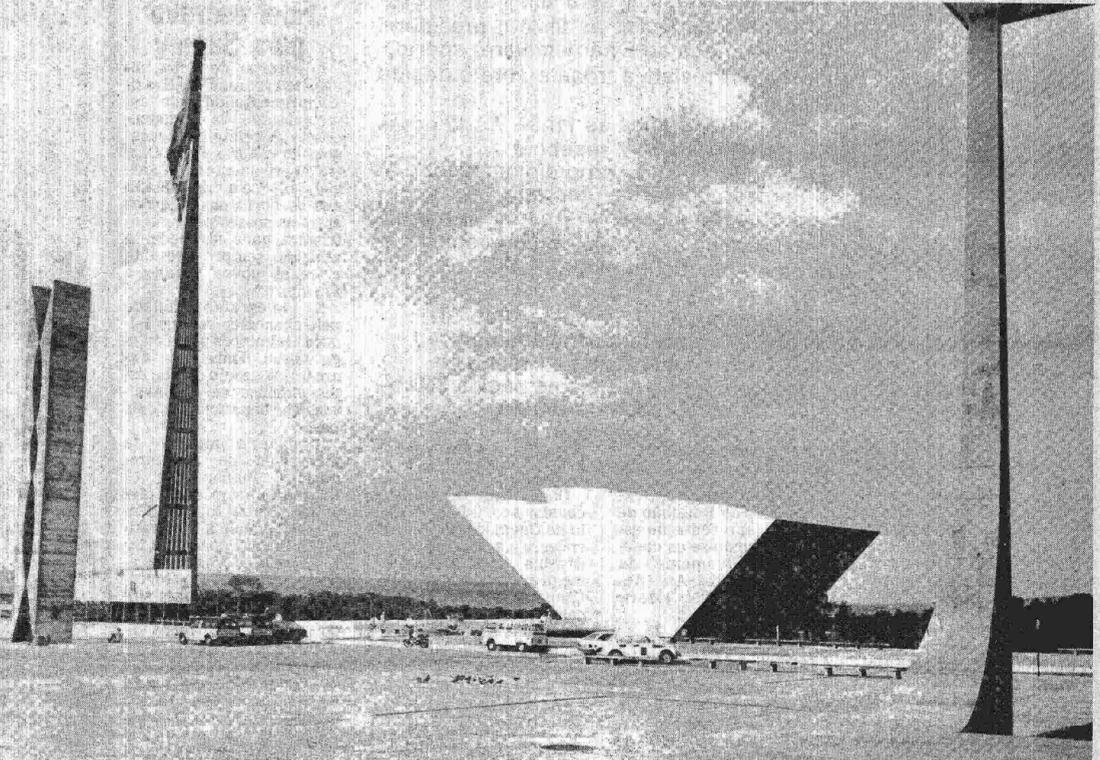
Ao ser lembrado que a idéia de se retirar o mastro para erguer ali um monumento à democracia em maio passado foi do próprio presidente José Sarney, o ex-governador disse que em relação ao Presidente não pode dizer nada — mas que, em sua opinião, a intenção da retirada continua sendo a mesma. “Inclusive nem o governador daí está dizendo que é por isto.”

Aos 65 anos, Hélio Prates dedica seu tempo agora à fazenda que possui no Rio Grande do Sul. O ex-governador guarda lembranças de suas várias obras na cidade, como a Barragem do rio Descoberto, as três únicas escolas para excepcionais do Plano Piloto. “Nunca se construiu tanto em Brasília como no meu Governo. Eu retirei todas as favelas — agora estão deixando voltar — e construí uma sala de aula para cada 200 habitantes”.

SILENCIO

Procurados, o urbanista Lúcio Costa e o arquiteto Oscar Niemeyer se recusaram a falar sobre o episódio do mastro. Lúcio Costa, porém, negou que tenha comentado a altura do mastro ou que tenha tido qualquer participação no caso. O arquiteto Oscar Niemeyer confirmou que tinha feito um convite ao arquiteto Sérgio Bernardes para que regressasse à cidade a fim de concluir o projeto do Espaço Cultural. “Havia-me pedido para fazê-lo, mas a obra não era minha e eu pedi que chamassem o Sérgio”, afirmou.

JOAQUIM FIRMINO



O mastro que vai sair e o Panteão que acaba de nascer: dois símbolos de duas etapas do momento político nacional

Ministros visitam o Panteão

Durante 30 minutos, os ministros do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves; do Estado-Maior das Forças Armadas, almirante José Maria Amaral; da Marinha, almirante Henrique Sabóia, e do SNI, Ivan Souza Mendes, visitaram o Panteão da Liberdade e Democracia Tancredo Neves, ontem, à tarde. Eles destacaram a plasticidade, leveza e o equilíbrio da obra e trocaram outros pontos de vista com o governador José Aparecido e o arquiteto Oscar Niemeyer, autor do projeto. O Panteão será inaugurado, hoje, às 13 horas, na Praça dos Três Poderes.

Também ontem, a obra recebeu a visita do arquiteto Jean-François Tossini, que veio conhecê-la representando a Ordem dos Arquitetos de Torino, Itália. A seu ver, o Panteão “é uma escultura que representa a obra de Oscar Niemeyer, um poeta sensível da arquitetura e não somente um grande técnico”.

O deslumbramento do público não era diferente. Impressionados com a beleza do Panteão, os admiradores aos poucos foram chegando e queriam a todo custo vê-lo por dentro. A curiosidade, sem dúvida, a partir de hoje pode ser satisfeita. Ontem, operários completavam os últimos detalhes da obra, como fixação da placa oficial e de painéis escritos com letras forjadas em metal amarelo. O público aproveitou a oportunidade para saber o que é o Panteão ou até mesmo tirar fotografias junto à obra e às autoridades. O governador José Aparecido não escapou, e sorridente atendeu aos pedidos.

Arquiteto da Itália elogia Oscar Niemeyer

O arquiteto Oscar Niemeyer, que, convocado pelo governador José Aparecido, tem trabalhando de graça na restauração de obras antigas e no projeto de obras novas, como o Panteão e a Casa do Cantador, recebeu a visita, há dias, do arquiteto italiano Gianfranco Tozzini, da Ordem dos Arquitetos de Turim, que se disse maravilhado com o conjunto arquitetônico de Brasília, em especial com o mais novo elemento introduzido na praça dos Três Poderes, o Panteão da Pátria Tancredo Neves.

Ao viajar, no último dia 4, Gianfranco, que prometeu voltar, deixou para Niemeyer a seguinte carta: “Me orgulho muito, e me sinto muito feliz por ter conhecido pessoalmente o senhor, tão relevante personalidade da cultura da nossa época. Sempre admirei sua obra, seja no Brasil, seja no mundo inteiro; e sempre admirei seu conteúdo tão rico de poesia. Já conhecia seus projetos das Fatas, Burgo, Mondadori... na Itália.

“Finalmente acabo de conhecer, não só pelos livros, mas ao vivo, seu trabalho em todo o Brasil, e particularmente em Brasília. Eu represento aqui também a Ordem dos Arquitetos de Turim, o presidente Giovanni Dardano e todos os membros transmitem suas lembranças e gostariam muito de convidá-lo na nossa sede para proferir uma palestra para todos os arquitetos da cidade.

“Para expressar toda minha consideração, eu não posso fazer outra coisa que repetir as palavras de Le Corbusier sobre a cidade de Brasília: “Brasília é construída: eu vi a nossa cidade nascida. É uma magnífica homenagem à invenção, à coragem e ao otimismo, ela comove. É o trabalho dos meus grandes amigos Costa e Niemeyer. No mundo é única. Amigos brasileiros, deem-me que diga: obrigado”.

Como fazer obras sem gastar nada

O Panteão da Pátria Tancredo Neves, que o presidente José Sarney, o governador José Aparecido e dona Risoleta Neves inauguraram hoje, centro das comemorações do 7 de Setembro (leia matéria completa na página 35), é apenas uma das muitas obras que o GDF entrega à população, até o final de outubro. Entre elas, um fator em comum: em nenhuma o Governo do Distrito Federal gastou um único centavo.

Além do Panteão, serão inaugurados o Gran Circo Lar, na Esplanada dos Ministérios, a Casa do Cantador, na Ceilândia, e uma escola na Ceilândia para dois mil alunos, projetos executados com recursos obtidos pelo governador José Aparecido através da Fundação Bradesco ou arrecadados entre empresários de Brasília. Além disso, os empresários vão financiar também as obras de remodelação da Catedral de Brasília, orientados pelo arquiteto Oscar Niemeyer, que igualmente vem trabalhando sem cobrar um único centavo.

O Panteão custou Cz\$ 20 milhões, repassados integralmente pela Fundação Bradesco. A Musa Construtora e Incorporadora, que construiu o monumento sob a responsabilidade técnica dos engenheiros Brasil Helou e Razon Dias Abrão, se absteve de receber a taxa de administração. A mesma postura foi tomada pela Datum Consultoria e Projetos, responsável pela instalação de um sistema de ar-condicionado integrado com a arquitetura do monumento. E também pela Empresa Brasileira de Engenharia, que se encarregou dos projetos de instalações elétricas, hidráulicas, hidrosanitárias e telefônicas.

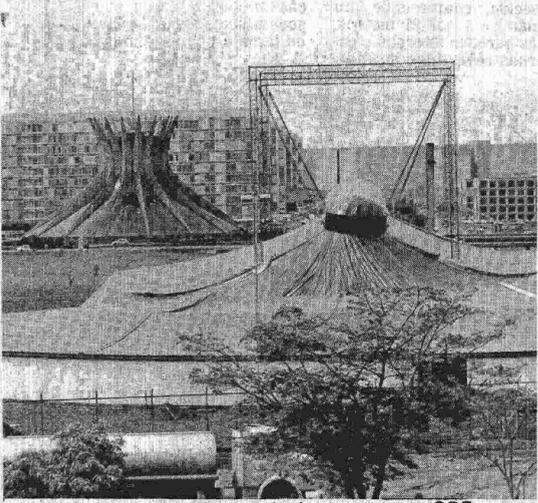
ARTISTAS

Tanto Oscar Niemeyer, que se colocou integralmente à disposição do governador José Aparecido para a retomada do projeto original da cidade por ele projetada, como os artistas que colaboraram com o acabamento do monumento, têm trabalhado praticamente e de graça, para enriquecer a monumentalidade da arquitetura de Brasília.

Athos Bulcão e Marianne Peretti, na realidade, estão de volta ao cenário de Brasília, como companheiros de Oscar Niemeyer no esforço de renascimento cultural que o governador José Aparecido empreende, desde que assumiu o Buriti.

Ao produzir uma das peças mais importantes do conjunto

ADAUTO CRUZ



Quase pronto, o Circo saiu de graça para o GDF

do Panteão, Athos Bulcão se mostra sensibilizado por ter sido mais uma vez convocado por Oscar Niemeyer. Mostra-se também estimulado pela convocação do governador e dá um conselho aos jovens artistas de Brasília: “O trabalho da atual administração ajuda a projetar Brasília, não só dentro do País como no exterior”. Observa, porém, que é preciso não esquecer que nenhum lugar do mundo se basta a si mesmo, evolui sem intercâmbio. Para o artista, a criação do Panteão e a mudança do Mastro devolverão à Praça dos Três Poderes sua grandiosidade original.

O mesmo estímulo e disposição em colaborar marcaram também a participação de Marianne Peretti, que desde os anos 70 vem integrando suas obras ao cenário arquitetônico de Brasília com seus vitrais e esculturas. A criação dessa artista franco-paraibana (nasceu em Paris de mãe francesa e pai brasileiro) é talvez a maior obra do gênero em todo o mundo. O conjunto (passaro de bronze e vitral) exigiu dez meses ininterruptos de trabalho de Marianne e sua equipe.

— Foi um trabalho gigantesco — recorda Marianne Peretti. Só para produzir o desenho em seu tamanho natural, trabalhei 22 dias, inclusive domingos, partindo de um dos meus estudos escolhidos por Niemeyer — diz a artista.

Visto de fora, comenta a autora, é uma obra de arte. “Mas a fabricação e colocação foi um trabalho de dezenas de pessoas, apoiadas pelo idealismo de três homens — o governador José Aparecido, que decidiu criar o monumento, o banqueiro Amador Aguiar, que patrocinou a sua execução, e Oscar Niemeyer, que idealizou mais esse fantástico monumento e doou o seu projeto à cidade de Brasília”.

Hoje, durante a solenidade de inauguração do Panteão da Pátria, a Fundação Bradesco, representada pelo presidente da entidade, Amador Aguiar, e o GDF, representado pelo governador José Aparecido, assinam termo de doação pelo qual a Fundação Bradesco doa ao GDF e lhe transfere todos os direitos presentes e futuros, referentes ao Panteão da Pátria Tancredo Neves. A doação será pura e simples sem quaisquer ônus ou encargos para o GDF.

GRAN CIRCO LAR
Uma lona em plástico verde sobre a Esplanada dos Ministérios e a Praça dos Três Poderes, marcará dentro em breve

o Panteão da Pátria Tancredo Neves, o governador José Aparecido marcou também a participação de Marianne Peretti, que desde os anos 70 vem integrando suas obras ao cenário arquitetônico de Brasília com seus vitrais e esculturas. A criação dessa artista franco-paraibana (nasceu em Paris de mãe francesa e pai brasileiro) é talvez a maior obra do gênero em todo o mundo. O conjunto (passaro de bronze e vitral) exigiu dez meses ininterruptos de trabalho de Marianne e sua equipe.

— Foi um trabalho gigantesco — recorda Marianne Peretti. Só para produzir o desenho em seu tamanho natural, trabalhei 22 dias, inclusive domingos, partindo de um dos meus estudos escolhidos por Niemeyer — diz a artista.

Visto de fora, comenta a autora, é uma obra de arte. “Mas a fabricação e colocação foi um trabalho de dezenas de pessoas, apoiadas pelo idealismo de três homens — o governador José Aparecido, que decidiu criar o monumento, o banqueiro Amador Aguiar, que patrocinou a sua execução, e Oscar Niemeyer, que idealizou mais esse fantástico monumento e doou o seu projeto à cidade de Brasília”.

Copa inspirou ufanismo nacional

No ano da graça de 1970 a população do Brasil grande, o País do Milagre Econômico onde não faltava nada, não havia subversão nem terremoto, foi tomada de uma grande euforia. No México, a Seleção canarina conquistou pela terceira vez a Copa do Mundo de Futebol. Durante as comemorações da vitória, bandeiras foram desfraldadas em todo o País e desfilarão em carros, caminhões e ônibus — o que não agradou muito os militares, então no poder. A legislação a respeito dos símbolos nacionais era extremamente proibitiva — ela não poderia ser hasteada após as 18h e muito menos se podia sair com bandeiras pelo meio da rua.

Atenta a esses fenômenos, a Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência da República, dirigida então pelo general Otávio Costa, tomou a iniciativa de rever o texto da lei a respeito da matéria, a fim de torná-la mais permissiva. Foi redigido um texto básico e mandado para os Ministérios a fim de que fossem enviadas sugestões para a mudança. Para surpresa dos próprios organizadores do evento, as sugestões foram muitas, indo desde alterações na letra do Hino Nacional ou mudá-lo totalmente em protestos contra o positivismo da Bandeira.

Entre as sugestões, uma chamou a atenção especialmente. O então tenente-coronel Rubem Ludwig, do Gabinete Militar, deu a idéia de se criar uma bandeira, somente uma, em Brasília, na Praça dos Três Poderes, que nunca seria arriada. Para que ela descesse, outra teria que subir, de forma que o símbolo da pátria estivesse

sempre no alto do mastro. A idéia era simples e foi considerada uma bela homenagem. Foi encampada então ao projeto de mudança de lei que seguiu ao Congresso Nacional, onde, após algumas pequenas modificações promovidas pelo relator do projeto, deputado Euripedes Cardoso de Menezes (da extinta Arena-RJ) foi aprovado por unanimidade.

POLEMICA

Porém, a lei não determinava as dimensões do mastro, apenas fixava o lugar onde ele deveria ficar, e que sua construção e manutenção ficariam a cargo do GDF. O então governador Hélio Prates da Silveira, convidou o arquiteto Sérgio Bernardes para erguer o monumento — que devido às suas dimensões, uma bandeira de 270 metros quadrados sustentada por um mastro de mais de 100 metros de altura —, aliado ao fato de ter sido erigido por um arquiteto alheio à cidade, se tornou polêmico desde antes de ser inaugurado, em setembro de 1972.

Segundo o general Otávio Costa — hoje reformado — nem mesmo o presidente Médici gostou da gigantesca obra, pois quando ela começou a ser erguida “se viu que não ia dar certo”. O general Figueiredo, então chefe da Casa Militar, também nunca teve boa vontade com o mastro, disse o general reformado. “Da minha experiência com o fato eu aprendi que bandeira drapejando não existe senão em caderno de menino de escola. Para ela ficar aberta, só mesmo se fazendo algo como o Arco do Triunfo, prendendo todas as pontas. Não

Troca pode ser última

O governador José Aparecido participará hoje às 15h30 pela primeira e única vez, da cerimônia de troca da Bandeira Nacional na Praça dos Três Poderes. O governador nunca havia participado da solenidade porque não é a favor do mastro, construído há 14 anos pelo arquiteto Sérgio Bernardes. Normalmente, o GDF é representado na solenidade por um de seus secretários.

Esta, porém, não deve ser a última vez que a Bandeira Nacional será hasteada no grande mastro. A remoção do monumento depende do Congresso Nacional, que em 1972 aprovou a lei que regulamentou a sua criação. A mensagem já foi enviada ao Congresso, que deverá decidir a respeito do assunto até outubro. Como a troca acontece no primeiro domingo de cada mês, pode ser que ainda volte a ser efetuada.

Desde sua posse, o governador José Aparecido assumiu o compromisso de devolver à cidade de seu aspecto original, para o que foram chamados o arquiteto Oscar Niemeyer e o urbanista Lúcio Costa. A idéia de se retirar o mastro porém, surgiu no ano passado, quando o presidente Sarney sugeriu que ali fosse erigido um monumento em homenagem à democracia — o Panteão — que está sendo inaugurado hoje com a presença do próprio Presidente e do Governador.